

A TEOLOGIA DO SANTUÁRIO NA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Thomas Magnum de S. Ferreira¹

Clacir Virmes Junior²

RESUMO

Este artigo busca entender a utilização de algumas expressões presentes na Epístola aos Filipenses e que aparentam estar relacionadas ao santuário israelita. Nessa epístola, o escritor bíblico fala sobre a possibilidade de ser “oferecido por libação sobre o sacrifício” (Fp 2:17). Será que se trata de uma alusão ao santuário? Com vistas a compreender o uso dessas expressões, foi aplicada uma metodologia exegética em tal passagem bíblica. Sendo assim, a primeira parte deste trabalho apresenta brevemente algumas das principais funções do santuário e dos sacrifícios realizados. Já na segunda, é examinado o contexto histórico e literário que serve de pano de fundo para a escrita da epístola, e na terceira é realizada uma análise mais detalhada do verso. Conclui-se que o apóstolo Paulo estava fazendo alusão aos sacrifícios pacíficos oferecidos no templo, porém utiliza a ilustração para exortar seus leitores a permanecerem fiéis, mesmo em meio às perseguições..

Palavras-chave: Filipenses. Santuário. Sacrifício. Libação.

¹ Graduando em Teologia pelo Seminário Latino-Americano de Teologia (SALT-FADBA). Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). *E-mail:* thomas.tm@hotmail.com.

² Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Teologia Bíblica e graduado em Teologia pelo Seminário Latino-Americano de Teologia (SALT-FADBA). Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). *E-mail:* clacirjunior@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O ensino sobre o santuário no Antigo Testamento (AT) fornece uma ampla perspectiva para o estudo do plano da redenção, tendo em vista que o evangelho da salvação estava prefigurado por meio dos símbolos e tipos messiânicos presentes no tabernáculo e seus rituais sacrificais. Os autores do Novo Testamento (NT) frequentemente recorrem a expressões relacionadas ao santuário para ensinar e exortar seus leitores. Isso é ainda mais recorrente com o apóstolo Paulo, que faz diversas aplicações em suas epístolas. Na endereçada aos filipenses, por exemplo, chega a afirmar que se alegra mesmo que seja “[...] oferecido por libação sobre o sacrifício [...]” (Fp 2:17). Qual era sua intenção ao utilizar essa expressão do santuário?

O estudo a respeito do ritual do santuário e de seu significado simbólico resultou na doutrina adventista do santuário e forneceu uma perspectiva teológica que desvendou um sistema bíblico de crenças de grande relevância. Foi por intermédio desses estudos que o adventismo nasceu como movimento histórico, desenvolveu sua identidade doutrinária e identificou sua missão.

A compreensão dessa doutrina propiciou aos pioneiros adventistas a possibilidade de ver o evangelho e sua glória nos ritos e serviços do santuário mosaico. Eles perceberam também que o terrível e probante desapontamento que haviam experimentado (22 de outubro de 1844) havia sido predito e previsto por Deus (Ap 10:1-11). Além disso, se identificaram como um movimento profético com a missão de proclamar ao mundo inteiro a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12.

Dada a importância da doutrina do santuário para a compreensão do plano da salvação e também a grande relevância dentro do movimento adventista, no presente trabalho foi realizada uma análise exegética em Filipenses 2:17, com o objetivo de entender a intenção do autor bíblico ao utilizar expressões relacionadas ao sistema sacrificial na epístola. Sendo assim, a primeira seção fará uma breve apresentação do santuário e suas ofertas, e a segunda explanará sobre o contexto histórico e literário da epístola. Por fim, a terceira detalhará aspectos importantes da exegese do verso que levam à conclusão de que em Filipenses 2:17 o apóstolo está fazendo uma alusão aos sacrifícios pacíficos para exortar à fidelidade cristã.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

A metodologia adotada no presente estudo foi uma pesquisa do tipo exploratória (GIL, 2002), com a aplicação da metodologia exegética proposta por Stuart e Fee (2008) e tendo como base os princípios hermenêuticos discutidos por Davidson (2011).

A hermenêutica bíblica é o estudo dos princípios e procedimentos básicos que visam à fiel e coerente interpretação das Escrituras Sagradas (DAVIDSON, 2011, p. 69).

Os princípios hermenêuticos utilizados neste trabalho são apresentados por Davidson (2011) como procedentes implícita ou explicitamente da própria Bíblia, assim como suas diretrizes específicas para a interpretação. Essas diretrizes abrangem essencialmente o método gramático-histórico (DAVIDSON, 2011, p. 78).

Embora haja um distanciamento em relação ao tempo, à linguagem e à cultura entre os leitores atuais e os destinatários originais da epístola, Stuart e Fee (2008, p. 25) argumentam ser possível compreender a intencionalidade do autor bíblico, desde que sejam observados determinados padrões e regras básicas, como os utilizados no processo exegético.

Segundo Stuart e Fee (2008, p. 23), a exegese é um “[...] estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega à sua interpretação útil”. Durante o processo, é realizada uma investigação histórica do significado de um texto bíblico, buscando entender o que o autor bíblico tencionava que seus leitores originais compreendessem.

O SANTUÁRIO

Os rituais do santuário constituíam um livro didático acerca da salvação, pois o ministério sacerdotal de Jesus Cristo foi prefigurado mediante o sistema sacrificial do AT. Dessa forma, o estudo do santuário e de seu ritual não somente esclarece o significado dos ritos seguidos, mas também lança luz sobre o ministério celestial de Cristo (RODRÍGUEZ, 2011, p. 421).

Neufeld (2016, p. 1187) reconhece o sistema sacrificial como um recurso educativo adaptado e designado para que o povo daquela época desenvolvesse conceitos corretos a respeito da santidade divina, do terrível caráter do pecado e de como podiam se aproximar de Deus e se reconciliar com Ele.

Para Rodríguez (2011, p. 427): “a riqueza teológica do sistema sacrificial israelita apontava simbolicamente para o valor e a eficácia infinita da morte sacrificial de Cristo”. Porém, é interessante a maneira pela qual essa profundidade teológica é construída, pois em nenhuma parte do AT há uma declaração explícita de como surgiram os sacrifícios.

Quando é mencionado o primeiro sacrifício (Gn 4:2-5), não ocorre também uma apresentação de sua razão nem é abordada sua origem (RODRÍGUEZ, 2011, p. 422). Entretanto, nos registros subsequentes o seu significado passa a ser entendido e é mais diretamente explicitado.

No livro de Êxodo, o santuário israelita é introduzido como um centro de adoração, mediação e sacrifício. Há também instruções sobre a consagração dos sacerdotes e a apresentação de importantes ideias teológicas relacionadas com o santuário. Contudo, é no livro de Levítico que ocorre um detalhamento maior a respeito do sistema sacrificial, o cerimonial do santuário e as festividades. VanGemeren (2011, p. 982) observa que o

sistema de ofertas e sacrifícios prescritos no Sinai tinha também como objetivo enfatizar o fato de que Deus habitava no meio do povo por meio da tabernáculo e que desejava ter um relacionamento com ele.

Era principalmente pelo sistema sacrificial que os israelitas satisfaziam suas necessidades espirituais e expressavam sua devoção, adoração e os mais profundos sentimentos e anseios. Cada sacrifício tinha um significado especial e era utilizado de acordo com a circunstância. Poderiam ser oferecidos: holocaustos, ofertas pacíficas, ofertas pelo pecado, ofertas pela culpa ou ofertas de manjares (RODRÍGUEZ, 2011, p. 426).

Holocausto

O holocausto designava o sacrifício em que a vítima era totalmente queimada no altar, sendo isso expresso na própria palavra hebraica utilizada, *'olah*, que significa “oferta que sobe”. Conforme destaca Rodríguez (2011, p. 426), esse sacrifício era uma expressão de “adoração, gratidão, ação de graças, alegria e dedicação total do ofertante a Deus”.

Para tal sacrifício, o ofertante deveria trazer do seu rebanho ou de gado miúdo um macho sem defeito e depois o imolá-lo perante o SENHOR. O sangue deveria ser apresentado pelo sacerdote e aspergido ao redor sobre o altar. O couro era retirado e ficava para o sacerdote oficiante da cerimônia, porém todo o restante do animal era cortado em pedaços e colocado em ordem por cima da lenha para ser consumido totalmente no altar. Caso o ofertante não tivesse condições de dar uma oferta de gado, poderia trazer rolas ou pombinhos (Lv 1:1-17).

Diariamente eram oferecidos pelo menos dois animais em holocausto (um pela manhã, e outro, no crepúsculo da tarde); esse sacrifício era denominado holocausto contínuo. Havia também holocaustos específicos aos sábados e nas festas fixas. Todos esses holocaustos fixos eram oferecidos juntamente com uma oferta de manjares e sua libação (Nm 28).

Oferta pacífica

As ofertas pacíficas eram sacrifícios voluntários apresentados em ação de graças ou em cumprimento de votos. Normalmente era uma ocasião de júbilo coletivo e servia para fortalecer a comunhão com Deus e com outros israelitas (RODRÍGUEZ, 2011, p. 426). Perante o Senhor, o ofertante consumia a maior parte da carne juntamente com a sua família e os amigos, porém a outra parte se destinava ao sacerdote (Lv 7:32-34).

Dentre as ofertas queimadas de aroma agradável ao SENHOR, poderiam ser oferecidos holocaustos ou sacrifícios pacíficos (Nm 15:3). As ofertas pacíficas normalmente eram complementadas com as de manjares e se distinguiam do holocausto

principalmente pelo fato de não serem totalmente queimadas no altar. Nessa oferta, toda a gordura era queimada ao SENHOR; o couro, o peito e a coxa ficavam para o sacerdote, e todo o restante da carne poderia ser comida pelo ofertante com seus familiares e amigos (Nm 7:11-21).

Oferta pelo pecado

A oferta pelo pecado tratava com o problema da impureza moral e de culto. Era feita para expiar pecados não intencionais que contaminavam a pessoa moral, ética ou ritualmente (RODRÍGUEZ, 2011, p. 427). Ademais, poderia ser apresentada para expiar um pecado intencional, desde que este não tivesse sido praticado de maneira atrevida e injuriosa contra o Senhor (Lv 15:30).

O animal a ser oferecido poderia variar conforme a função que o ofertante exercia. Caso o pecado fosse cometido por um sacerdote ungido ou por toda a congregação de Israel, deveria ser oferecido um novilho. Quando um príncipe pecava, deveria oferecer um bode, porém se fosse qualquer outra pessoa do povo era oferecida uma cabra ou uma cordeira. Outro aspecto interessante é que quando o sacerdote ou toda a congregação cometia pecado, o sangue era aspergido diante do véu do santuário, porém nos outros casos isso ocorria sobre o altar de holocausto (Lv 4).

A gordura do animal era sempre queimada no altar do holocausto, assim como as ofertas pacíficas. Todavia, é importante notar que quando ocorre a descrição do oferecimento das ofertas pelo pecado e pela culpa, estas não são qualificadas como de aroma suave conforme acontece às ofertas pacíficas e os holocaustos. São ofertas que têm como objetivo principal expiação e perdão.

Oferta pela culpa

A oferta pela culpa, segundo realça Rodríguez (2011, p. 427), “libertava o indivíduo de um estado de culpa no qual havia incorrido perante o Senhor pelo trato indevido com as coisas sagradas e em caso de suspeitas de pecado”; uma de suas finalidades era restaurar a paz de espírito do adorador. Contudo, Neufeld (2016, p. 1186) reconhece uma provável diferença entre a oferta pelo pecado e a oferta pela culpa. Para ele, as ofertas pelo pecado representavam a confissão e expiação do que era considerado pecado contra Deus, ao passo que as ofertas pela culpa eram realizadas quando se cometia um pecado contra o próximo. Porém, o autor reconhece que nem sempre essa diferença está evidente.

Oferta de manjares

As ofertas de manjares eram ofertas sem sangue que acompanhavam todos os holocaustos e ofertas pacíficas. Consistiam em uma mistura de grão ou farinha de trigo, óleo e incenso; como libação, era derramada uma porção de vinho (Nm 15:3-11). Por ser uma oferta dos frutos da terra, demonstrava um reconhecimento pelas bondosas provisões divinas (RODRÍGUEZ, 2011, p. 427).

Havia também uma relação entre o tipo de animal oferecido e a quantidade de libação. Para um cordeiro, deveria ser preparada a quarta parte de um him de vinho para libação (Nm 15:5); quando a oferta era um carneiro, deveria ser oferecida também uma terça parte de um him de vinho (Nm 15:7); e no caso de um novilho, a quantidade deveria ser metade de um him de vinho (Nm 15:10).

Em Filipenses 2:17, o autor bíblico fala sobre a possibilidade de ser “oferecido por libação sobre o sacrifício”, o que parece ser uma referência às ofertas de manjares. Por essa razão, um estudo exegético foi realizado neste artigo para analisar essa possível relação e buscar entender qual era a intenção dele ao utilizar essa figura de linguagem. Contudo, antes de aprofundar tal estudo é necessário compreender o pano de fundo histórico e literário no qual essa declaração está inserida.

CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

Filipos era uma cidade da Macedônia, situada na região da Trácia, e ficava a cerca de 15 quilômetros no interior do Golfo de Neápolis (hoje Kolpos Kavallas). Ela recebeu esse nome de seu conquistador, Filipe II, pai de Alexandre, o Grande. Filipe se anexou à região para explorar suas numerosas fontes de ouro que chegaram a produzir mais de mil talentos por ano. Esse recurso era empregado para manter seu exército e também para engrandecer seu reino por meio de suborno (HENDRIKSEN, 1992, p. 355).

Dois séculos depois da fundação de Filipos, Roma conquistou a Macedônia, dividindo-a em quatro distritos políticos. Por esse tempo, contudo, tendo-se as minas de ouro praticamente se exaurido, a cidade reduziu-se a “um pequeno povoado” (HENDRIKSEN, 1992, p. 356). Em 30 a.C. Otaviano tornou a cidade colônia romana para soldados reformados e concedeu-lhes todos os privilégios da cidadania romana. Dockery (2001, p. 761) reconhece que os filipenses tinham muito orgulho dos seus privilégios de cidadãos romanos e eram fiéis à Roma.

Hendriksen (1992, p. 357) destaca como natural que os filipenses se orgulhassem grandemente em ser romanos, pois essa cidadania permitia que desfrutassem de todos os direitos de cidadãos romanos, como a isenção de açoites, de prisão, exceto em casos extremos, e o direito de apelar ao imperador.

De acordo com Atos 16:12-40, Paulo e seus companheiros missionários fundaram a

igreja em Filipos durante a sua segunda viagem missionária que, segundo Howard *et al.* (2006, p. 227), ocorreu no ano 52 d.C. Ao chegarem à cidade, se reuniram com um grupo na margem do rio (At 16:13), possivelmente por não encontrarem nenhuma sinagoga judaica. É provável que o judaísmo estivesse presente na cidade, mas sua representação deveria ser mínima, pois o local era caracterizado por uma natureza pagã, com ampla variedade de religiões e seitas (STAGG, 1988, p. 219).

Porém, a partir da pregação desses missionários à beira do rio, ocorreu a conversão de Lídia e toda a sua casa (At 16:14,15). Entretanto, algo marcante foi a conversão do carcereiro, que aconteceu a partir do testemunho de Paulo e Silas enquanto estavam presos. O capítulo 16 de Atos relata que, mesmo sendo presos e açoitados injustamente, eles oravam e cantavam louvores a Deus durante a sua noite no cárcere, algo que certamente impactou o carcereiro e todos que souberam dos acontecimentos.

A obra em Filipos tivera um começo consideravelmente promissor. Lídia e o carcereiro não eram os únicos convertidos. Isso se depreende no fato de que, quando os missionários saíram da prisão e entraram novamente na casa de Lídia, ali encontraram um grupo de “irmãos” (At 16:40). A essa congregação reunida, a primeira igreja na Europa, eles dirigiram palavras de conforto. Em seguida, Paulo e Silas partiram para Tessalônica (HENDRIKSEN, 1992, p. 368).

A opinião tradicional é que Paulo escreveu essa epístola aproximadamente em 60-61 d.C. quando estava preso em Roma. A ocasião era o retorno de Epafrodito a Filipos após ter sido enviado pelos crentes filipenses para levar uma oferta a Paulo e ser um dos seus colaboradores em Roma (HOWARD *et al.*, 2006, p. 229).

A autoria paulina dessa carta é praticamente inquestionável (STAGG, 1988, p. 218). Howard *et al.* (2006, p. 228) chega a afirmar: “Não há razão suficiente para duvidar da autenticidade desta carta”. O próprio prólogo da epístola declara claramente Paulo como aquele que a escreveu. Há também evidências externas da autoria paulina em parte de Clemente de Roma, bem como de Inácio, Policarpo e Diogneto. Somando-se a todas elas, é perceptível também que o ensino, a língua, o estilo e a maneira de pensar são claramente paulinos (HOWARD *et al.*, 2006, p. 228).

Filipenses faz parte de um grupo de quatro cartas – Colossenses, Filemom, Efésios e Filipenses –, as quais, comumente, são designadas como as epístolas da prisão, pois foram escritas enquanto o apóstolo Paulo se encontrava prisioneiro (Cl 4:3, 18; Fm 10, 13, 22-23; Ef 3:1; 4:1; 6:20; Fp 1:7, 13; 2:17). Hendriksen (1992, p. 376) salienta que, ao ler essas cartas, o leitor notará quão profundamente o escritor foi afetado por sua prisão, entretanto manteve inabalável sua esperança.

A igreja em Filipos fora formada em meio ao cântico de hinos na prisão, e agora, de outra prisão, Paulo escreve com alegria a ela (HOWARD *et al.*, 2006, p. 230). Não é de admirar que o tema da epístola seja alegria em Cristo, pois embora Paulo a tenha escrito da prisão, sem conhecimento do que ocorreria em seguida com ele, emprega repetidas

vezes as palavras *alegria* e *regozijo* (DORNELES, 2014, p. 122).

No primeiro capítulo da epístola, Paulo fala que suas cadeias têm contribuído para o progresso do evangelho (Fp 1:12), pois a maioria dos irmãos têm sido estimulados a falar com mais desassombro da palavra de Deus (Fp 1:14). Consequentemente, ele lhes mostra que a glória do evangelho está longe de ser diminuída por esses acontecimentos e os estimula, por seu próprio exemplo, a se prepararem para tudo o que porventura aconteça (CALVINO, 2010, p. 371).

Stagg (1988, p. 223) concorda com Howard *et al.* (2006, p. 230) e Dorneles (2014, p. 122) de que nessa epístola há uma grande ênfase na alegria e ainda salienta que: “[...] é muito significativo o fato de que ela soava de uma prisão e da perspectiva de uma possível morte, e é proclamada para uma igreja que conhecera perseguição e dificuldades todos os seus dias”. Porém, Stagg (1988, p. 223) também observa haver um apelo de Paulo em favor da renúncia ao egocentrismo que estava por detrás da murmuração, das contendas e da divisão que também o preocupavam.

A respeito das razões que levaram o apóstolo a escrever a epístola, Dockery (2001, p. 762) lista as seguintes: explicar por que estava enviando Epafrodito de volta à igreja (2.25-30); comunicar à igreja seu plano de enviar-lhes Timóteo (2.19-24); agradecer à igreja filipense o cuidado para com ele e as ofertas generosas que lhe fizeram (4.10-20); informá-los das suas circunstâncias e da difusão do evangelho (1.12-26); exortar a igreja a viver em humildade, comunhão e unidade (1.27-2.11; 4.2-3); e adverti-los sobre os falsos ensinamentos – legalismo, perfeccionismo e vida cristã descuidada (3.1-4.1).

Há alguns questionamentos quanto à unidade e à sequência da epístola em sua forma atual. Isso levou alguns estudiosos a levantarem a hipótese de que Filipenses contém duas ou três epístolas aglutinadas por um compilador de textos de Paulo. Dockery (2001, p. 762) explica que os críticos questionam que o material referente a Timóteo e a Epafrodito (Fp 2:19-30) era esperado no fim da epístola, e não no meio. Além disso, a despedida e a bênção (Fp 4:4-9) também caberiam melhor como conclusão da epístola, no entanto aparecem antes do trecho que faz referência às generosas contribuições dos filipenses (Fp 4:10-20), que, para os críticos, faria mais sentido no começo dela.

Porém, Dockery (2001, p. 762) afirma que o fato de Filipenses ser uma epístola informal, provavelmente escrita durante um período mais longo de tempo, ajuda a explicar o estilo irregular e a sequência questionável ali encontrada. Portanto, o que parece estar acontecendo no final do capítulo 2 de Filipenses é a finalização do assunto principal da carta, o regozijo a despeito das múltiplas provações (ORR, 1997, p. 58), para que, a partir de Filipenses 3:1, se inicie a repetição de assuntos já abordados em outra ocasião. O verso 1 do capítulo 3 parece reforçar essa ideia, pois se apresenta como um verso de transição ao exortar os irmãos a se alegrarem no Senhor e declarar ser seguro para os filipenses que escrevesse novamente sobre temas já discutidos em outro

momento.

Hendriksen (1992, p. 395) afirma que “a unidade da carta aos Filipenses se destaca de modo surpreendente”. As mesmas ideias se repetem vezes após vezes, tais como: a nota de alegria; a incerteza ante uma absolvição quase segura que, não obstante, admite a possibilidade de uma sentença de morte; as referências escatológicas; e os males da discórdia. A nota de gratidão (4:10-20) já se havia antecipado (ver 1:5-7; 2:25).

Em relação a citações do Antigo Testamento, Silva (2014) afirma que a epístola aos filipenses não contém citações diretas e salienta que até mesmo suas alusões ao AT são tão sutis que podem facilmente passar despercebidas. Ainda assim, enfatiza que:

Seria um grave erro, no entanto, inferir que as Escrituras hebraicas não desempenham papel algum em Filipenses. O uso indireto que Paulo faz do AT na carta demonstra claramente que, mesmo quando não há uma citação formal, a linguagem e os padrões de pensamento do apóstolo revelam forte correlação com a Escritura, particularmente com a versão grega. (SILVA, 2014, p. 1034)

Levando-se em consideração esse contexto histórico e literário, bem como a afirmação de Silva (2014, p. 1034) de que na epístola aos filipenses há alusões ao AT, foi realizada uma busca na epístola por termos que estivessem relacionados à doutrina do santuário, e dois versos (Fp 2:17; 4:18) se destacaram como possíveis referências ao tema. Porém, este trabalho se dedicará ao estudo de Filipenses 2:17, tendo em vista que o outro verso parece ter uma relação mais clara com o santuário e implicações mais diretas que não justifiquem uma análise mais aprofundada.

ANÁLISE EXEGÉTICA DE FILIPENSES 2:17

A passagem estudada está situada na perícope que começa no verso 12 do capítulo 2 e segue até o verso 18. Essa delimitação ocorre tanto na Bíblia da versão ARA (2006, p. 292) quanto da Aland *et al.* (2000, p. 685). O parágrafo é iniciado com uma exortação para que a salvação seja desenvolvida com temor e tremor, objetivando que seus leitores se tornem irrepreensíveis e sinceros filhos de Deus. Mesmo vivendo no meio de uma geração pervertida e corrupta, os cristãos deveriam preservar a palavra da vida e resplandecer como luzeiros no mundo. A perícope é então concluída (2:17-18) com a seguinte declaração (BÍBLIA, 2006): “Entretanto, mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e, com todos vós, me congratulo. Assim, vós também, pela mesma razão, alegrai-vos e congratulai-vos comigo”.

Ao se analisar o verso em busca de relações com a doutrina do santuário, duas palavras se destacaram: *libação* e *sacrifício*. Durante o processo exegético, foi possível perceber que a palavra grega trazida como “oferecido por libação” é um verbo no

presente do indicativo passivo, $\sigma\theta\acute{\epsilon}\nu\delta\omicron\upsilon\alpha\iota$ (*spendomai*), cuja raiz $\sigma\theta\acute{\epsilon}\nu\delta\omega$ (*spendo*) significa “derramar/oferecer em libação”. Esse verbo está presente somente mais uma vez no NT (2Tm 4:6), porém aparece 20 vezes na Septuaginta (LXX), versão grega do AT (TAN; SILVA; HOOGENDYK, 2012).

Dentre as ocorrências no AT, encontra-se em Êxodo 25:29, em que há uma ordem para fazer taças que seriam usadas para “oferecer libações” no santuário, e em Números 28:7, que especifica a quantidade da bebida que seria oferecida juntamente com o cordeiro do holocausto contínuo no santuário. Em ambas as passagens, estão ligados o verbo *spendo* (oferecer/derramar em libação) e o substantivo ‘ $\sigma\theta\epsilon\omicron\nu\delta\eta$ ’ (*sponde*: libação) que apresentam uma correlação linguística.

Em Filipenses 2:17, a libação também está relacionada a uma oferta de sacrifício. Paulo fala sobre a possibilidade de ser derramado como libação sobre a oferta de sacrifício dos filipenses. A palavra grega traduzida por sacrifício é $\theta\nu\sigma\acute{\iota}\alpha$ (*thysia*), que aparece mais de 300 vezes no AT da LXX (2012) se referindo a uma oferta feita em sacrifício.

Sendo assim, é visível que há uma relação entre a expressão paulina e o serviço realizado no santuário. Ainda assim, permanece uma pergunta: é possível saber a qual tipo de oferta ele se refere?

Em Números 15:1-21 há detalhes de como deveria ser oferecida a oferta queimada ao SENHOR. O verso 3 mostra que poderia ser holocausto (em que todo o animal era queimado no altar) ou sacrifício (oferta pacífica em que a gordura era queimada no altar, e a parte do animal era comida pelo sacerdote, e outra, pelos adoradores).

Provavelmente, a oferta que Paulo se referiu seja uma oferta queimada em sacrifício pacífico acompanhada de uma oferta de manjares. Essa conclusão é possível a partir da diferenciação das palavras utilizadas em Números 15:3. A palavra original para *holocausto* é ִּֽוֹלַח (*olah*), na LXX (2012) $\acute{\omicron}\lambda\omicron\kappa\acute{\alpha}\rho\theta\omega\alpha$ (*holokarpoma*), que representa uma oferta totalmente queimada. Porém, a palavra *sacrifício* é זֶבַח (*zebah*), na LXX (2012) $\theta\nu\sigma\acute{\iota}\alpha$ (*tysia*), representando uma oferta de sacrifício que tinha partes queimadas no altar, e outra, consumida pelo sacerdote.

Quando Paulo fala da oferta de sacrifício em Filipenses 2:17, utiliza a palavra *tysia*, e não *holokarpoma*. Dessa forma, pode-se concluir que não se referia a uma oferta de holocausto, mas a uma oferta pacífica acompanhada de oferta de manjares. Esse tipo de oferta era oferecida pelo israelita em cumprimento de algum voto, em oferta voluntária ou em algumas das festas fixas (Nm 15:3).

Tendo em vista que a expressão empregada por Paulo faz referência a um sacrifício pacífico realizado pelos israelitas no período do AT, qual poderia ser a intenção dele ao utilizá-la? É notório que a expressão possui sentido figurado, haja vista que o apóstolo não poderia ser uma libação aceitável a Deus, pois, conforme apresentado na seção 1.5,

a prescrição bíblica para a bebida derramada em libação era vinho, e não sangue. Da mesma forma, os filipenses também não podiam oferecer seu corpo como sacrifício de oferta queimada a Deus, pois isso era algo abominável ao SENHOR (Dt 12:31). Corrobora também essa ideia o próprio contexto do verso, que afirma se tratar de uma oferta de fé na qual eles se alegrariam após oferecer, ou seja, estariam vivos.

Vale lembrar que em Romanos 12:1 o apóstolo roga que seus leitores apresentem o “corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” por meio do “culto racional”. Além disso, era por intermédio das ofertas sacrificais que os israelitas satisfaziam suas necessidades espirituais e expressavam sua devoção e adoração a Deus (RODRÍGUEZ, 2011, p. 426). Portanto, pode-se concluir que o sacrifício que os filipenses deveriam fazer era o de serem fiéis na sua adoração a Deus a despeito das circunstâncias ou perseguições que tivessem que sofrer.

Logo, do mesmo modo como no oferecimento do sacrifício pacífico os israelitas se alegravam perante o SENHOR e uns com os outros enquanto participavam daquele sacrifício, Paulo também convida os filipenses a se alegrarem juntamente com ele diante do sacrifício da fé que estavam oferecendo a Deus. Esse pensamento está de acordo com o contexto histórico e literário da epístola. Conforme demonstrado na seção anterior, ela contém diversos chamados para que se alegrem e regozijem apesar dos problemas e dificuldades que estejam enfrentando.

Angus (2004, p. 406) reforça essa ideia ao enfatizar que a ocasião do oferecimento das ofertas pacíficas era marcada por um grande sentimento de alegria, por representar um momento de comunhão com os amigos e com o sacerdote que oferecia o sacrifício, mas principalmente pela alegria da comunhão com Deus, pois o SENHOR era considerado como presente na cerimônia.

Howard *et al.* (2006, p. 230) foca também o termo grego *spendomai* (“oferecido”) para relacionar a citação paulina com o animal que era morto em sacrifício no santuário e tinha vinho derramado sobre ele como ato solene de dedicação a Deus (cf. Nm 15:5; 28:14). A utilização da equivalência da palavra grega na LXX também é realizada por Silva (2014, p. 1038), que ainda declara o constante uso que Paulo faz da linguagem e padrões de pensamento do AT, particularmente da versão grega.

Entretanto, Silva (2014, p. 1038) vai além e reconhece que nessa passagem Paulo recorre à linguagem sacerdotal para descrever o serviço cristão e que ela deve ser entendida em um escopo de uma estrutura teológica mais ampla, haja vista que, com efeito, entende-se que o sistema cerimonial de Israel foi modificado e transferido para a igreja cristã. Hendriksen (1992, p. 500) também conclui que a oferta sacrificial dos filipenses devia ser entendida como sendo sua vida e conduta cristã fluindo da fé que estava em ação e sendo manifestada no meio de perseguição e prova.

Dessa forma, é possível concluir que o objetivo de Paulo ao utilizar essas expressões características do santuário era chamar os filipenses a se alegrarem e regozijarem apesar

dos problemas e dificuldades que estavam enfrentando por ser fiéis a Deus, assim como os israelitas se alegravam juntos quando ofereciam seus sacrifícios pacíficos no templo.

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado neste artigo, foi possível concluir que Paulo possivelmente estava aludindo temas do santuário quando escreveu a epístola aos filipenses. Seu chamado para que os de Filipos se alegrem com ele, mesmo que seja “oferecido por libação sobre o sacrifício” (Fp 2:17), é uma alusão aos sacrifícios pacíficos que os israelitas ofereciam ao SENHOR. Esse sacrifício, oferecido em ações de graças, era um momento de alegria para o ofertante, que comia parte da carne do sacrifício juntamente com amigos, familiares e os sacerdotes na presença do SENHOR. Paulo então conclama os filipenses a também se alegrarem com ele, mesmo diante do sacrifício de fidelidade a Deus que deviam oferecer quando eram pressionados a negar a fé ante as perseguições e problemas.

Paulo se alegrava e não permitia que sua fé fosse abalada pelos problemas e perseguições que enfrentava. De modo semelhante, exorta também a todos os cristãos da atualidade que sejam seus imitadores, perseverem e continuem prosseguindo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3:14).

REFERÊNCIAS

- ALAND, K. *et al.* **The Greek New Testament**. 4. ed. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 2000.
- ANGUS, J. **História, doutrina e interpretação da Bíblia**. Tradução de J. S. Figueiredo. São Paulo, SP: Hagnos, 2004.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. Almeida Revista e Atualizada (ARA). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- CALVINO, J. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. Tradução de V. G. Martins. São José dos Campos, SP: Fiel, 2010.
- DAVIDSON, R. M. Interpretação bíblica. *In*: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de Teologia**: Adventista do Sétimo Dia. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- DOCKERY, D. S. **Manual bíblico Vida Nova**. Tradução de Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs e Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- DORNELES, V. **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. v. 7.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HENDRIKSEN, W. **Efésios e Filipenses**. Tradução de V. G. Martins. 3. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1992.

- HOWARD, R. E. *et al.* **Comentário Bíblico Beacon**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus. 2006. v. 9.
- NEUFELD, D. F. **Dicionário bíblico**: Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016. v. 8.
- ORR, G. W. **66 chaves para a Bíblia**: um manual prático para estudo bíblico. São Paulo: Batista Regular, 1997.
- RODRÍGUEZ, A. M. Santuário. *In*: DEDEREN, R. **Tratado de teologia**: Adventista do Sétimo Dia. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- SILVA, M. Filipenses. *In*: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- STAGG, F. Filipenses. *In*: ALLEN, C. J. **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adieí Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1988. v. 11.
- STUART, D.; FEE, G. D. **Manual de exegese bíblica**. Tradução de Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- TAN, R.; SILVA, D. A.; HOOGENDYK, I. **The Lexham Greek-English Interlinear Septuagint**: H. B. Swete Edition. Bellingham, WA: Lexham Press, 2012.
- VANGEMEREN, W. A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.